

O
Christo

DOS PROFETAS

O. PALMER ROBERTSON



O
Cristo

DOS PROFETAS

O. PALMER ROBERTSON



CENTRO
DE LITERATURA
REFORMADA

TRADUZIDO DO ORIGINAL EM INGLÊS:

The Christ of the Prophets

© 2004 by O. Palmer Robertson
P&R Publishing Company, P.O.
Box 817, Phillipsburg, New Jersey 08865-0817.

© 2016 Editora CLIRE – Centro de Literatura Reformada.
1.ª edição em Português: outubro de 2016 – 1.000 exemplares.

É proibida a reprodução total ou parcial desta publicação por quaisquer meios sem a autorização por escrito do editor, exceto citações em resenhas.

Salvo outra indicação, todas as citações bíblicas são de tradução própria do autor. Nas versões em inglês onde a palavra “SENHOR” aparece em substituição ao tetragrama hebraico, o autor substitui por “SENHOR da Aliança”. O mesmo critério foi aplicado para as versões em português.

PRODUÇÃO EDITORIAL:

Editor e revisor: Waldemir Magalhães

Colaborador: Manoel Canuto

Tradutor: Helio Kirchheim

Designer: Heraldo Almeida

CONSELHO EDITORIAL:

Ademir Souza; Adriano Gama; Julius van Spronsen; Kenneth Wieske;
Waldemir Magalhães; Weliton Borges.

ISBN: 978-85-62828-39-3

AOS MEUS TRÊS FILHOS:

John Murray Robertson, David Elliot
Robertson e Daniel Isaac Robertson

“Quanto a mim, esta é a minha aliança com eles”, diz o Senhor da Aliança. “O meu Espírito que está em você e as minhas palavras que pus em sua boca não se afastarão dela, nem da boca dos seus filhos e dos descendentes deles, desde agora e para sempre,” diz o SENHOR da Aliança.

—*Isaías 59.21*

SUMÁRIO

Índice Analítico	ix
Prefácio	17
Introdução	19
1. A Origem do Profetismo em Israel	27
2. Aspectos Importantes Relacionados à Origem do Profetismo	51
3. O Chamado e a Comissão do Profeta	91
4. Verdadeiros e Falsos Profetas	117
5. Aliança e Lei na Proclamação dos Profetas	151
6. A Aplicação da Lei e da Aliança na Mensagem dos Profetas	175
7. O Cenário Bíblico-Teológico dos Profetas Escritores de Israel	227
8. O Profetismo Anterior ao Exílio da Nação: os Profetas do Século VIII a.C.	239
9. O Profetismo Anterior ao Exílio da Nação: os Profetas do Século VII a.C.	301
10. O Profetismo Durante o Exílio da Nação: Ezequiel	331
11. O Profetismo Durante o Exílio da Nação: Daniel	371
12. Os Profetas da Restauração	415
13. A Predição na Profecia	469
14. O Evento Central do Movimento Profético de Israel	521
Conclusão	573
Bibliografia	577
Índice de Referências Bíblicas e de Textos Antigos	595
Índice de Assuntos e Nomes	621

ÍNDICE ANALÍTICO

Introdução 19

- 1. A origem do profetismo em Israel** 27
 - I. Explicações alternativas para a origem do profetismo em Israel 28
 - A. Comportamento extático 28
 - B. Práticas relacionadas ao culto 29
 - C. Profecia do Antigo Oriente Próximo 31
 1. Mari 32
 2. Neo-Assíria 34
 - II. Testemunho bíblico a respeito da origem do profetismo em Israel 40
- 2. Aspectos importantes relacionados à origem do profetismo** 51
 - I. A proeminência de Moisés em relação a todos os outros profetas 51
 - A. A oposição a Moisés 54
 - B. A singularidade de Moisés 57
 - II. A iniciativa de Deus em fazer surgir uma palavra profética 60
 - III. As palavras do profeta como a própria palavra de Deus 63
 - A. O modo de recebê-la 65
 - B. O modo de entregá-la 66
 - C. Consequências da qualidade de revelação da palavra profética 67
 1. Autoridade 68
 2. Unidade 68

- IV. Indiscriminada rejeição de formas alternativas de determinar a palavra do Senhor 70
- V. O perigo de apartar-se do profeta do Senhor 74
 - A. Afastar-se por desobediência 74
 - B. Afastar-se pela falsa profecia 76
- VI. Jesus como a consumação do profetismo 77
 - A. Jesus como originador da palavra profética 78
 - B. Jesus como distribuidor dos dons do Espírito 79
 - C. Jesus como Senhor da palavra profética 82
 - D. Jesus como o profeta consumado 83
- VII. Conclusão 89
- 3. O chamado e a comissão do profeta 91**
 - I. O contexto histórico do chamado dos profetas 93
 - II. A visão de Deus 99
 - III. Comissão da parte do Todo-poderoso 104
 - IV. A reação de incapacidade 107
 - V. A reação do povo 109
 - VI. Conclusão 112
- 4. Verdadeiros e falsos profetas 117**
 - I. A origem última da verdadeira e da falsa profecia 118
 - II. As motivações dos verdadeiros e dos falsos profetas 120
 - III. O caráter da pessoa e obra dos profetas 122
 - IV. Critérios para fazer distinção entre a verdadeira e a falsa profecia 127
 - A. Critérios bíblicos para fazer distinção entre verdadeira e falsa profecia 128
 - B. Critérios modernos para distinguir entre a verdadeira e a falsa profecia 138
 - V. As consequências do ministério dos verdadeiros e dos falsos profetas 144
 - A. Para as pessoas de forma geral 144
 - B. Para o falso profeta 146
 - C. Para o verdadeiro profeta 147
 - VI. Conclusão 148

- 5. **Aliança e lei na proclamação dos profetas** 151
 - I. A relação da aliança e da lei com os profetas 152
 - A. O testemunho bíblico 152
 - B. Tradição histórica reconstruída 156
 - II. O fator central da lei 167
 - III. O fator central da aliança 169
 - A. A unidade das alianças 170
 - B. Diversidade entre as alianças 171
- 6. **A aplicação da lei e da aliança na mensagem dos profetas** 175
 - I. Como os profetas aplicavam a lei 175
 - A. A maneira geral como os profetas aplicavam a lei 176
 - B. A maneira específica como os profetas aplicavam a lei 182
 - 1. Não terás outros deuses além de mim (Êx 20.3) 182
 - 2. Não farás para ti nenhuma imagem de escultura (Êx 20.4) 183
 - 3. Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão (Êx 20.7) 184
 - 4. Lembra-te do *Shabbath* para santificá-lo (Êx 20.8) 185
 - 5. Honra teu pai e tua mãe (Êx 20.12) 187
 - 6. Não matarás (Êx 20.13) 188
 - 7. Não adulterarás (Êx 20.14) 189
 - 8. Não furtarás (Êx 20.15) 190
 - 9. Não dirás falso testemunho (Êx 20.16) 191
 - 10. Não cobiçarás (Êx 20.17) 193
 - C. Além do específico: o significado mais amplo de guardar a lei 195
 - 1. Cuidado para com o órfão, a viúva e o estrangeiro 196
 - 2. Amor a Deus e ao homem 199
 - D. A relação da lei com a condenação das nações 203
 - 1. Orgulho, idolatria e violência 204
 - 2. Crueldade para com o povo de Deus 205
 - II. Como os profetas aplicavam a aliança 209
 - A. A aliança de Deus com Adão 211
 - B. A aliança de Deus com Noé 212

- C. A aliança de Deus com Abraão 213
- D. A aliança mosaica 215
- E. A aliança de Deus com Davi 216
- F. A nova aliança 219
- G. Sumário 220
- III. Conexão entre aliança e lei nos profetas 220
- 7. **O cenário bíblico-teológico dos profetas escritores de Israel** 227
 - I. A tradição de inúmeros editores 227
 - II. A busca por uma alternativa 230
 - A. Walter Brueggemann 231
 - B. Brevard S. Childs 232
 - III. O foco do *corpus* profético 234
- 8. **O profetismo anterior ao exílio da nação: os profetas do século VIII a.C** 239
 - I. Oseias 240
 - II. Amós 245
 - III. Miqueias 249
 - IV. Isaías 251
 - A. Elementos-chaves do chamado de Isaías 251
 - 1. A exaltação do Senhor como rei 251
 - 2. A santidade como característica distintiva do Senhor de Isaías 255
 - 3. O caráter universal do domínio do Senhor 256
 - 4. A pecaminosidade do próprio povo de Deus 257
 - 5. A incapacidade do povo de ouvir a Palavra do Senhor 258
 - 6. O exílio do povo e sua restauração à terra 259
 - B. A reconstrução crítica do livro de Isaías 268
 - V. Joel 283
 - VI. Obadias 289
 - A. A culpa de Edom 289
 - B. O julgamento de Edom 291
 - C. Como o julgamento de Edom afeta o povo de Deus 291
 - VII. Jonas 293
 - VIII. Conclusão 298

- 9. O profetismo anterior ao exílio da nação: os profetas do século VII a.C.** 301
- I. I.Naum 304
 - II. Habacuque 306
 - III. Sofonias 310
 - IV. Jeremias 314
 - A. Jeremias 1: o chamado do profeta 317
 - B. Jeremias 11,12: A aliança de Deus para Israel e para as nações 317
 - C. Jeremias 18,19: Jeremias vai ter com o oleiro 319
 - D. Jeremias 24: a visão dos dois cestos de figos 321
 - E. Jeremias 31: a profecia da nova aliança 324
 - F. Jeremias 42: uma palavra ao remanescente que sobrevive 326
 - G. Jeremias 45: Baruque e a “saga do rolo” 327
 - H. Conclusão 330
- 10. O profetismo durante o exílio da nação: Ezequiel** 331
- I. A condição do povo durante seu exílio 332
 - A. Escassos indícios dos exilados 332
 - B. A experiência dos deportados 334
 - C. A reação dos israelitas ao exílio 337
 - II. A mensagem especial de Ezequiel 338
 - A. Assuntos introdutórios relacionados à profecia de Ezequiel 338
 - B. Momentos críticos nas profecias de Ezequiel 342
 - 1. A visão do comissionamento de Ezequiel (Ez 1-3) 342
 - 2. O afastamento da glória (Ez 8-11) 345
 - 3. A restauração depois do exílio (Ez 34-48) 349
 - a. A restauração efetuada pelo Pastor divino e o rei davídico (Ez 34) 350
 - b. A restauração por meio da consumação das alianças divinas (Ez 36.24-28; 37.24-28) 351
 - c. A restauração por meio da vivificação dos ossos secos (Ez 37.1-14) 352
 - d. A restauração efetuando a reunificação dos reinos divididos (Ez 37.15-28) 355

- e. A restauração que acarreta a vitória final sobre todos os poderes contrários (Ez 38,39) 357
 - f. A restauração inclui um plano para o templo final (Ez 40-48) 359
 - (1) O cenário da visão 359
 - (2) O conteúdo da visão 361
 - (3) O significado da visão 365
- 11. O Profetismo durante o exílio da nação: Daniel 371**
- I. Um tema constante: o domínio universal do reino de Deus 372
 - II. Cinco pontos decisivos 376
 - A. A gigantesca estátua de Nabucodonosor (Dn 2.31-45) 376
 - B. A pedra cortada sem auxílio de mãos (Dn 2.34,35) 381
 - C. Os quatro animais, o pequeno chifre, e o filho do homem (Dn 7.2-28) 382
 - 1. Os quatro animais 383
 - 2. O pequeno chifre 385
 - 3. O Filho do Homem 386
 - D. As setenta semanas (Dn 9.24-27) 391
 - 1. O contexto 391
 - 2. A natureza das setenta semanas 393
 - 3. Os limites cronológicos das setenta semanas 394
 - 4. A consumação da redenção nas setenta semanas 396
 - 5. A singularidade da septuagésima semana 397
 - E. O rei de duro semblante (Dn 8.23; 11.36) 401
 - III. O significado teológico do exílio de Israel 409
 - A. Os apóstatas 411
 - B. Os crentes transigentes, desobedientes 421
 - C. Israel como a personificação tipológica do “Servo do Senhor” 412
 - D. O remanescente fiel 413
- 12. Os profetas da restauração 415**
- I. Os primeiros profetas da restauração: Ageu e Zacarias 418

- A A situação do povo 418
- B. A situação das nações 427
- C. Antecipações do futuro 431
 - 1. Jerusalém e o templo serão reconstruídos 431
 - 2. O próprio Deus vai retornar para viver com eles 433
 - 3. Muito mais gente vai retornar 436
 - 4. O pecado será removido 438
 - 5. O Servo-Messias sacerdotal virá 440
- II. A palavra final do profetismo da antiga aliança: Malaquias 449
 - A. A ordem da adoração 451
 - B. A ordenança do casamento instituída na Criação 457
 - C. A instituição do trabalho 460
 - D. Expectativas, exortações e realizações consumadas 461
- 13. A predição na profecia 469**
 - I. Perspectivas críticas sobre a predição na profecia 470
 - II. O conceito bíblico da predição na profecia 475
 - III. Categorias de predição profética 485
 - A. Predições de curto prazo 486
 - 1. O curso da nação de Israel 488
 - 2. A ascensão e queda dos reis das nações 489
 - 3. A vida pessoal dos profetas de Deus 492
 - B. Predições condicionais 496
 - C. Predições a respeito das nações 499
 - 1. A inclusão dos gentios da perspectiva anterior ao exílio 501
 - 2. A inclusão dos gentios da perspectiva do exílio 505
 - 3. A inclusão dos gentios da perspectiva posterior ao exílio 508
 - D. Predições de longo prazo 511
- 14. O evento central do movimento profético de Israel 521**
 - I. A importância das profecias a respeito do exílio e da restauração 522
 - II. Conceitos-chaves relacionados com as predições sobre o exílio e a restauração 526

- A. O exílio e a restauração estão interligados 526
 - B. O exílio e a restauração ocorrem por diferentes razões 530
 - C. O exílio e a restauração estão ligados ao êxodo, à peregrinação no deserto, e à conquista da terra 532
 - D. O exílio e a restauração estão ligados ao fim da monarquia de Israel e à manifestação do Messias vindouro 534
 - E. O exílio e a restauração são preditos de maneira impressionante 543
 - 1. O desafio de Isaías quanto à profecia 543
 - a. O retorno de Israel do exílio 545
 - b. A menção de Ciro como libertador de Israel 548
 - c. A vinda do sofredor servo do SENHOR da Aliança 551
 - 2. A predição de Jeremias a respeito dos 70 anos de exílio 556
- III. O significado bíblico-teológico da restauração de Israel 558
- A. A restauração de Israel implica no perdão de pecados 559
 - B. A restauração de Israel implica na nova vida em graça 561
 - C. A restauração de Israel inclui as nações gentias 565
 - D. A restauração de Israel rejuvenesce a terra, culminando com a ressurreição dentre os mortos 567

Conclusão 573

PREFÁCIO

Nesta meticulosa introdução aos profetas do antigo Israel, o Dr. O. Palmer Robertson revela a paixão e o propósito dos escritos extraordinários deles. Ele escreve: “Uma nova aliança, uma nova Sião, um novo templo, um novo Messias, uma nova relação com as nações do mundo – essas eram as expectativas propostas para injetar futura esperança no povo que teria de suportar o trauma da deportação da sua terra”.

Depois de examinar as origens do profetismo, o chamado dos profetas, e sua proclamação e aplicação da lei e da aliança, o Dr. Palmer dedica atenção especial ao significado bíblico-teológico do exílio e da restauração. Observando essas experiências pela perspectiva de vários profetas, ele conduz nossa atenção para os sofrimentos e para a gloriosa restauração do povo de Deus em Cristo.

O Cristo dos Profetas é uma sequência da obra *O Cristo dos Pactos*, considerada por muitos como um clássico na área da teologia bíblica.

A profusão sem par da literatura inspirada dos profetas surgiu num período da história que nos convida a compará-lo ao nosso próprio tempo. A proclamação deles para seus contemporâneos e as predições sobre o exílio e a restauração de Israel e o Messias vindouro têm aplicações perenes.

Os estudiosos da teologia bíblica vão apreciar, de modo especial, a análise que o Dr. Palmer faz dessas profecias, bem como suas firmes contestações às interpretações liberais e neo-ortodoxas de hoje.

Os editores

INTRODUÇÃO

Alguma coisa levou os profetas de Deus a escrever. Quando acabaram de fazê-lo, tinham produzido um acervo literário sem paralelo na história humana. Nada antes nem depois deles se iguala à obra literária produzida pelos profetas de Israel.¹ Mas o que levou os profetas a produzirem essa obra singular de escritos?

Por muitos anos, o criticismo bíblico afirmou que os profetas originalmente entregaram suas mensagens unicamente de forma oral como proclamações curtas, abruptas. Esse tipo de discurso mais irracional, em forma de êxtase, foi mais tarde escrito e depois repetidamente revisado por uma série de editores subsequentes.² Mais recentemente, tem-se concedido maior crédito ao ponto de vista de que os próprios profetas escreveram mais das suas mensagens do que anteriormente se reconhecia.³ Obviamente, qualquer

1 “Completamente único” é a maneira como Clements descreve o material profético. Ele prossegue: “Em nenhum outro lugar na antiguidade se preservou esse tipo de material literário”. O volume de literatura profética do Antigo Testamento “continua sendo uma produção única” do antigo Israel (*Old Testament Prophecy*, 203).

2 Veja Mowinckel, *Prophecy and Tradition*; e Rowley, *Servant of the Lord*, 93. A antiga opinião dos eruditos se baseava muito na perspectiva corrente da época, que via o material profético como produto de um processo evolutivo. Com base nessa pressuposição filológica, os antigos profetas de Israel eram vistos mais ou menos como brutos que pronunciavam suas profecias num estado de êxtase, e somente mais tarde a religião dos profetas evoluiu para um sistema de fé mais coerente. Von Rad (*Old Testament Theology*, 2.6), sobre a ideia de que Isaías e Jeremias pertenciam a um grupo de profetas extáticos de uma “contínua linha de desenvolvimento” diz que essa é uma “simplificação exagerada”.

3 Veja von Rad, *Old Testament Theology*, 2.40-45. Lindblom, *Prophecy in Ancient Israel*, 221, afirma que é “fato incontestável” que os próprios profetas “às vezes” puseram por

que seja a perspectiva, é preciso reconhecer que alguém em algum momento da história de Israel escreveu uma grande quantidade de material que se tornou conhecido como “profético”.

Sua origem, com certeza, pode ser legitimamente atribuída à inspiração do Espírito Santo de Deus. A visão arrebatadora de Isaías do “Senhor, num alto e sublime trono” com serafins cobrindo o rosto e os pés enquanto voavam; a profecia de Joel de que “nos últimos dias” Deus “derramaria seu Espírito sobre toda a carne” de tal forma que homens e mulheres, jovens e velhos, teriam visões e sonhos; a descrição que Ezequiel faz do vale dos ossos secos, com a pergunta desafiadora que apela à sua fé: “Filho do homem, podem reviver estes ossos?” — essas palavras, essas visões, e centenas de passagens como essas em toda parte nos profetas — não são produto normal de escritos humanos que facilmente podem ser imitados. Todo leitor imparcial recebe deles a sensação de que essas palavras são de fato *sobrenaturais*.

Mas é preciso perguntar outra vez: O que, no tempo e na história, estimulou essa efusão de literatura inspirada durante dezenas, até mesmo centenas de anos, manifestando uma forma e conteúdo que jamais havia ocorrido antes e depois disso jamais se repetiu?

Na estrutura das Escrituras, os grandes e primeiros eventos salvíficos na história de Israel que trouxeram a nação à existência foram registrados de forma que a posteridade conseguiria entender seu significado. De acordo com o Pentateuco, o êxodo do Egito

escrito os seus oráculos. De acordo com Fohrer, *Introduction to the Old Testament*, 359, “a maioria” dos ditos proféticos foi escrita “enquanto ainda estavam vivos os profetas”. Analisando a ordem que Deus deu a Ezequiel para que comesse o rolo que lhe foi apresentado, Zimmerli, *From Prophetic Word to Prophetic Book*, 430, conclui que “é evidente que o profeta estava acostumado com rolos desse tipo, que continham a palavra profética”. Numa peculiar guinada da erudição recente, há pessoas que propõem que contrariamente ao procedimento dos profetas anteriores ao exílio, somente os profetas posteriores escreveram suas mensagens sem jamais proclamá-las oralmente. É interessante ver que essas perspectivas recentes foram antecipadas por um erudito da geração anterior, que considerou o testemunho do material profético com mais seriedade do que se faz geralmente: “Em alguns casos, o profeta, sob a inspiração protetora do Espírito de Deus, pode ter colocado por escrito longas seções das suas mensagens logo depois de havê-las proferido de forma oral. Por outro lado, pode ser que algumas das profecias não tenham nunca sido entregues oralmente, mas foram unicamente produtos literários” (Young, *Introduction to the Old Testament*, 157, 158).

não foi apenas a dramática libertação de mais um povo do cativeiro da escravidão. Não; esses grandes eventos foram uma ação redentora do próprio Deus, na qual Ele libertou seu povo escolhido da sua contaminação pecaminosa por meio do sangue do cordeiro pascal. Da mesma forma, as leis de Israel não eram simplesmente o refinamento e a espiral ascendente da moral humana em direção à perfeição. Em vez disso, as “dez palavras”, os Dez Mandamentos, surgiram no contexto de uma aliança divina iniciada no monte Sinai, um elo solene de um juramento de sangue por meio do qual o autorrevelado SENHOR da Aliança se comprometeu com o povo e o povo com Ele por toda a eternidade.

Esses atos de Deus, poderosos e formativos, em favor do seu escolhido povo da aliança foram cuidadosamente registrados e seu permanente significado foi preservado por escrito para as gerações vindouras. Consequentemente, todas as eras futuras têm condições de confirmar por si mesmas o intento de Deus ao formar esse povo no decorrer da história humana e juntar-se com Israel na aliança que intencionava fazer deles uma bênção a todas as nações do mundo.

Circunstância similar cercou o auge, a época máxima do trato de Deus com seu povo sob a proteção da sua aliança com Israel. A história da bênção divina na aliança chegou ao seu auge nos dias de Davi e Salomão, quase 500 anos depois da libertação de Israel da opressão de faraó. Nessa era gloriosa, o juramento de Deus a respeito da aliança do reino foi confirmado especificamente com Davi e com seus descendentes. Deus teria uma “casa”, um lugar de descanso, um templo para ser adorado, que estaria situado exatamente no meio da terra do seu povo. Ali Ele se encontraria com eles, os abençoaria, e faria deles uma bênção para todas as nações. Ao mesmo tempo, Davi teria uma “casa”, uma dinastia, uma linhagem de descendentes que reinaria no trono em Jerusalém para sempre (2 Sm 7.10-16; Sl 89.19-37; 132.1-18). A fusão dessas duas “casas” em um lugar no monte Sião estabeleceu a realidade do reino de Deus na terra. Como consequência, o reino messiânico de re-

tidão, perdão, justiça e amor com o passar do tempo se expandiria até envolver todos os outros reinos do mundo. O messias ungido de Deus reinaria de mar a mar e desde o rio até aos confins da terra (Sl 72.1-17). Deus haveria de subjugar todos os inimigos da retidão e justiça sob os pés do messias (Sl 2). Esse estabelecimento simultâneo do trono de Davi e do trono de Deus em Jerusalém assinalava o ponto mais elevado da concretização dos propósitos de Deus na história de Israel. O Messias e seu reino estavam no centro de todas as outras nações, posicionados de tal forma que a obra de Deus da redenção do pecado e suas consequências poderia espalhar-se por todos os povos da terra.

É compreensível, então, que esse evento culminante no movimento da história da redenção fosse também registrado pelos escritos inspirados, desta vez pelos poetas de Israel. Se a nação precisava ser conduzida de forma apropriada em adoração, era preciso que um acervo de literatura inspirasse a adoração do povo. Assim, Davi, o “doce salmista de Israel”, falou a respeito dos céus que declaram a glória de Deus e do firmamento que proclama a obra das suas mãos; ele escreveu da exaltação do homem na criação e na redenção, homem que foi feito “um pouco menor do que os anjos”, mas “coroados de glória e honra”; ele descreveu como é bem-aventurado o homem cujas transgressões são perdoadas e cujos pecados são cobertos; ele louvou o Senhor que era a sua luz e sua salvação, a força da sua vida; e prestou homenagem ao Messias prometido como filho de Deus estabelecido no santo monte Sião, que haveria de herdar as nações e desfazer os abusos de poder cometidos pelos monarcas egoístas desta terra. Esses salmos da época de Davi celebravam as glórias do Messias e seu reino que já tinha vindo e ainda estava por vir.

Mas, qual era, então, no movimento da história da redenção, a função dos escritos dos profetas? O que, especificamente, na história, fez surgir esse grande e glorioso acervo de literatura profética? Se o auge da história israelita foi o estabelecimento da monarquia messiânica, o que mais restou?

Sem dúvida alguma, Vos está correto quando diz que “a nova organização do reino teocrático sob um governo humano” fez surgir o ministério profético na história de Israel.⁴ Esse “monumental movimento progressivo” de estabelecer um rei ungido que reinava por Deus representava um passo expressivo na direção da manifestação dos propósitos salvíficos de Deus. Isso explica a presença de Samuel no estabelecimento de Saul e Davi como primeiros reis de Israel. Em toda a história restante dos reis de Israel, os profetas muitas vezes dirigiram suas mensagens de forma específica aos governantes tanto de Israel como de Judá.

Mas existe uma clara diferença entre o ministério dos primeiros profetas como Elias e Eliseu e os profetas posteriores como Isaías e Ezequiel. No primeiro caso, a história pessoal dos profetas serviu como foco do seu ministério, mas são poucas as palavras deles que foram colocadas por escrito. Elias confrontou de forma dramática o rei Acabe no monte Carmelo, mas são poucas as suas palavras; a história do seu pupilo Eliseu inclui dezoito ações miraculosas. Mas, embora a vida de Isaías, Jeremias e Ezequiel tenham alguma importância como representação da sua mensagem, é o registro das suas palavras, de forma escrita, que representa o âmago distintivo do ministério deles.⁵

Mas, uma vez mais, podemos perguntar: O que, nos processos da história de Israel, levou à criação de um tão significativo acervo de material escrito a tornar-se o centro do ministério profético?⁶ Se o estabelecimento da monarquia representava o ápice da história da redenção em seu progresso sob a antiga aliança, o que foi deixado de lado?

O trágico é a coisa que foi deixada de lado. Esse povo da aliança de Deus, escolhido e favorecido, iria falhar nos seus com-

4 Vos, *Biblical Theology*, 203.

5 Para desenvolver esta distinção, veja von Rad, *Old Testament Theology*, 2.33.

6 Fohrer, *Introduction to the Old Testament*, 360, argumenta que “a palavra falada [do profeta] precisava ser registrada logo para conservar sua capacidade de produzir efeito”. Somente se fosse escrita é que o poder da palavra profética poderia ser liberado outra vez. Embora haja alguma verdade nessa observação, ela parece atribuir poder mântico à palavra em si, em vez de atribuir poder à obra do soberano Senhor na confirmação e aplicação da verdade da sua palavra.

promissos. Em vez de servir como a luz de Deus para as nações, esse povo escolhido apresentaria mais depravação do que os povos ao seu redor. Como consequência, tiveram de ser rejeitados por Deus, exilados, retornaram ao seu lugar de origem além do rio. Essa nação que havia sido altamente favorecida por 400 anos desde que seu pai Abraão tinha saído de Ur dos caldeus precisava agora ser forçada a voltar à terra dos caldeus como justo juízo de Deus contra sua persistência na rebelião.

Mas o que significava nos propósitos de Deus esse trágico acontecimento? Como poderia o desterro da nação eleita de Deus contribuir para o desenvolvimento do plano de Deus para redimir um povo dentre a humanidade decaída? Qual seria o fim de tudo isso? Se o povo de Deus se tornou “não-meu-povo”, o que o futuro reservaria para uma obra divina que revitalizaria um universo que gemia angustiado à espera de redenção?

Foi o exílio e o futuro além do exílio que os profetas escritores de Israel foram convocados e comissionados a explicar. Eles eram profetas porque seu chamado era mais falar do que agir. Eles não guiariam a nação em ações de natureza redentiva comparáveis à libertação do Egito sob Moisés ou a consolidação do reino sob Davi. Como profetas, eles foram chamados primeiro e acima de tudo para falar, e, por meio da fala, exigir arrependimento da transgressão da lei de Deus e fé na palavra da graça de Deus.

Mas esse grupo de servos de Deus também foi comissionado a escrever. Esses servos foram chamados para escrever por causa da própria natureza do momento histórico em que viviam. A nação seria devastada, destruída, aniquilada. Primeiro o reino do norte seria invadido pelos assírios, levado ao cativeiro para bem longe das suas fronteiras. Mas depois aconteceria o absolutamente impensável. O reino de Judá, que abrigava o santo lugar da habitação de Deus, desapareceria da face da terra. Como, então, se conservaria um fio que fosse de esperança com respeito aos propósitos redentores de Deus? O que havia restado para Israel e consequentemente para todas as outras nações, serem abençoadas com

as boas novas da redenção? Onde estava, agora, a grande obra de Deus de revitalizar a terra corrompida?

Nesse vácuo de aparente desesperança é que os profetas foram chamados para falar e escrever. Eles tinham de escrever e também falar para que fosse possível manter a continuidade da esperança através das gerações. Quando surgiram “as grandes monarquias universais asiáticas”, designadas por Deus para serem os instrumentos de castigo para sua nação escolhida, era preciso dar mostras da inabalável soberania do seu Deus.⁷ Se nada havia restado das atividades institucionais da vida do templo em Jerusalém, que tinham sido tão perfeitamente projetadas para transmitir as expectativas da redenção às gerações vindouras, alguma outra coisa precisava aparecer para acender uma chama de esperança no coração dos futuros filhos e filhas. Essa outra coisa seriam os escritos inspirados, as profecias preservadas não apenas do exílio, mas também da restauração depois da devastação. Se o próprio exílio foi predito nos registros escritos dos profetas, então, quando chegou esse momento terrível, seu lugar nos propósitos de Deus pôde ser compreendido. Em vez de criar uma atmosfera de descrença, o exílio antecipado pelos profetas desafiaria o remanescente do povo de Deus à fé que veria a justa e intencional mão do SENHOR da Aliança. Nesta circunstância crítica, tornou-se necessário estabelecer a onisciência e onipotência do único Deus vivo e verdadeiro sobre a “aparente superioridade dos deuses dos ímpios, à medida que isso se tornou notório pela vitória dos poderes mundanos sobre a teocracia”.⁸

Simultaneamente, as predições proféticas de uma restauração mesmo depois das devastações do exílio só poderiam produzir o efeito de mover o povo a uma fé que olhasse para o futuro. Pois, se Deus tinha sido fiel à sua palavra na mensagem sobre o exílio, podia-se esperar que seria fiel também à sua palavra na mensagem a respeito da restauração.

⁷ Keil, *Introduction to the Old Testament*, 1.279.

⁸ *Ibid.*

O que significava essa restauração? Será que era simplesmente um retorno ao antigo estado de coisas que imperava antes do exílio? Será que antevia um ciclo de deterioração no pecado seguido inevitavelmente por repetidos juízos de Deus? Será que os futuros reis de um Israel restaurado não seriam melhores que os reis do passado, os quais foram tão severamente condenados pelos profetas?

De acordo com os escritos desses mesmos profetas, a resposta é: Não! Foi preservada para a posteridade a esperança de uma restauração muito mais gloriosa do que os dias anteriores ao exílio. Uma nova aliança, uma nova Sião, um novo templo, um novo messias, uma nova relação com as nações do mundo — essas eram as expectativas destinadas a criar esperança futura para o povo que teria de suportar o trauma de ser deportado da sua terra. Mas esses escritos não foram divinamente projetados apenas para sua própria geração. Eles tinham em vista todas as futuras gerações, até o momento da triunfante vinda do Messias esperado, que faria surgir um novo céu e uma nova terra.

Dessa forma, os escritos inspirados dos profetas falam a todas as gerações ainda hoje. Sem um retorno para Deus em fé e arrependimento conforme eles exigem, suas palavras não serão entendidas de forma correta. Mas para todas as gerações e povos que lerem e ouvirem com o entendimento que somente a fé pode conceder, eles sempre trarão a mensagem de esperança e restauração.

Essa é a razão por que os escritos desses profetas de outrora precisam ser ouvidos outra vez. Eles falam hoje com tanta clareza como falaram na época em que foram inspirados. Com fé renovada, que a geração de hoje ouça esta mensagem profética, que se concentra mais uma vez no Messias vindouro e no seu reino glorioso.

O Cristo

DOS PROFETAS

"Neste livro tão aguardado, que é uma seqüência de sua obra *O Cristo dos Pactos*, Robertson nos conduz pela vasta extensão do ensino da Escritura para mostrar como ele converge para Cristo. Aqueles que perderam a confiança na coerência da Escritura farão bem se beberem intensamente desta fonte para verem de forma nova e mais profunda que Jesus é, de fato, 'aquele de quem falaram os profetas'."

— PETER WALKER

"Uma singular introdução aos escritos proféticos: equilibrada em sua erudição, percepção, e de bom senso; espiritual e sadia em sua teologia, que induz o leitor a louvar a Deus; e simples em sua clareza de estilo."

— BRUCE WALTKE

"Já esperávamos que O. Palmer Robertson nos fornecesse um excepcional estudo da profecia do Antigo Testamento. Numa época em que a Igreja é vítima de interpretações especulativas das profecias, ele nos apresenta um recurso sólido, sóbrio, animadoramente confiável para entender essa parte da Bíblia. Leigos, pastores e estudiosos considerarão este livro essencial para o estudo da profecia."

— RICHARD L. PRATT JR.

"Este livro extraordinário rastreia o profetismo em Israel desde seu surgimento por toda a história do Antigo Testamento até a concretização das suas profecias messiânicas em Jesus. Faculdades e seminários evangélicos e pastores que creem na Bíblia darão calorosas boas-vindas a este livro, vendo nele uma útil ferramenta de ensino daqui para frente."

— ROBERT L. REYMOND

"A evidente qualidade de Robertson, sua exatidão exegética, sua sensibilidade teológica e rigorosa erudição combinam-se na produção de obras de valor permanente. Este livro é outra proeza desse Autor. A janela que ele abre para vermos os profetas do Antigo Testamento deixa entrar mais do que apenas luz; ela irradia uma paixão para estudá-los e proclamá-los. Esta é uma ferramenta essencial para todo estudioso da Escritura que deseja alcançar uma robusta teologia bíblica."

— DEREK W. H. THOMAS

"Uma maravilhosa introdução aos profetas do antigo Israel. No Seminário onde leciono, o curso de Robertson a respeito desse assunto tem sido muito bem acolhido."

— JOHN D. CURRID



**CENTRO
DE LITERATURA
REFORMADA**



9 788562 828393